



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E**  
**LITERATURAS**

**EDIVÂNIA DE JESUS SANTOS**

**UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA”: A PRÁTICA PEDAGÓGICA**  
**E A FORMAÇÃO LEITORA NA ESCOLA.**

Caetité - BA

2023

**EDIVÂNIA DE JESUS SANTOS**

**UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA”: A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A  
FORMAÇÃO LEITORA NA ESCOLA.**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetité, como requisito para obtenção do título de graduada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador/a: Prof<sup>a</sup> Dra. Rayana Tyhara  
de Lima Rêgo Ladeia

Caetité, BA

2023

**UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA: A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A  
FORMAÇÃO LEITORA NA ESCOLA**

/

**A VERY CRAZY TEACHER: PEDAGOGICAL PRACTICE AND READING  
TRAINING AT SCHOOL**

Edivânia de Jesus Santos\*  
Profa. Dra. Rayana Thyara de Lima Rêgo Ladeia\*\*

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar as práticas docentes da professora muito maluquinha, bem como os métodos utilizados por ela para a formação leitora dos seus alunos. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa partindo da análise da obra literária *Uma professora muito maluquinha*, escrita por Ziraldo. Para o embasamento teórico, ancoramos nos estudos de Martins (1994), Silva (2003), Leffa (1996), Solé (2014), Ferreira, Soares e Silva (2016) e Krug (2015). Os resultados alcançados para os objetivos propostos foram satisfatórios, tendo em vista que o tema ainda é abrangente e com diversas possibilidades de estudos. Concluimos que as práticas pedagógicas utilizadas pela professora em sala de aula contribuíram muito para a formação leitora dos alunos, posto que eles perceberam a importância da leitura para a aquisição de conhecimentos imprescindíveis no ambiente escolar e social.

**Palavras-chave:** *Uma Professora Muito Maluquinha*; prática pedagógica; leitura.

**ABSTRACT**

The objective of this article is to present the teaching practices of the very crazy teacher, as well as the methods she uses to train her students in reading. The methodology used was a bibliographical research with a qualitative approach based on the analysis of the literary work, *A Very Crazy Teacher* written by Ziraldo. For the theoretical basis, we anchored the studies by Martins (1994), Silva (2003), Leffa (1996), Solé (2014), Ferreira, Soares and Silva (2016) and Krug (2015). The results achieved for the proposed objectives were satisfactory, considering that the topic is still comprehensive and has diverse possibilities for studies. We concluded that the pedagogical practices used by the teacher in the classroom contributed greatly to the students' reading development, as they realized the importance of reading for acquiring essential knowledge in the school and social environment.

**Keywords:** *Very Crazy Teacher*; teaching practice; reading.

---

\* Graduanda do curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas. Universidade do Estado da Bahia, Campus VI. E-mail: [dinhajesus18@gmail.com](mailto:dinhajesus18@gmail.com)

\*\* Professora Substituta da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus VI. E-mail: [rayanaladeia@gmail.com](mailto:rayanaladeia@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto de estudo a prática pedagógica da professora Catarina e a formação leitora presentes no livro *Uma professora muito maluquinha* de Ziraldo. A questão norteadora gira em torno de mostrar quais os recursos utilizados por ela para o ensino de leitura, enfatizando aspectos da prática pedagógica. Consideramos que a discussão dessa temática é pertinente, tendo em vista que o trabalho com a leitura em sala de aula deve permitir a fluência e a compreensão do que se lê.

A leitura se faz presente em nossas vidas desde quando iniciamos na pré-escola, quando somos apresentados ao alfabeto, às pastas de leituras e aos livros de contos de fadas. É ela que tem o poder de transformar a nossa vida e nos fazer viajar por meio das histórias de aventuras e fantasias contidas nos livros. Nessa perspectiva, Martins (1994, p. 12) diz que a leitura “trata-se pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e, ao mesmo tempo, constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos e com o mundo”, ou seja, a leitura, muitas vezes, não depende só de saber das palavras, mas sim uma leitura de nós mesmos, do mundo em que vivemos, de modo que todos esses fatores estão interligados.

Outro ponto de destaque na obra analisada é a prática pedagógica do professor, destacando a importância do compromisso na mediação de conhecimento, tendo na sala de aula um espaço de interação e trocas de saberes. Ao mesmo tempo em que o professor ensina, ele aprende, pois há sempre uma troca de conhecimentos e aprendizagens que cada um carrega ao longo da vida, e é preciso ter essa consciência e saber escutar o que o aluno tem a dizer. Conforme Ferreira, Soares e Silva (2016, p. 5), “ao refletir sobre essa ideia percebemos que na sala de aula em alguns momentos somos opressores ao não escutar o que a criança quer nos dizer, precisamos de transformação e a mesma só é possível mediante um diálogo constante e permanente entre as partes.”

A formação leitora e o papel do professor na sua constituição são trabalhos importantes e que possuem muitas pesquisas nos bancos de dados. Desse modo, é importante procurar trabalhos recentes nessa área de pesquisa para perceber como estão sendo desenvolvidos os estudos sobre o tema e quais os resultados apresentados. Sobre o tema trabalhado, há diversos trabalhos que tratam de prática docente e formação leitora baseadas no livro. O diferencial da

pesquisa se dá no âmbito de que a obra ainda é pouco conhecida em nossa universidade, além de servir como base para a construção de trabalhos baseados nesse artigo.

Diante disso, realizamos uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa partindo da obra literária *Uma professora muito maluquinha*. A fundamentação teórica do trabalho está ancorada em autores como Martins (1994), Silva (2003), Leffa (1996), Solé (2014), Ferreira, Soares e Silva (2016) e Krug (2015).

Este artigo está dividido em seis seções. Inicialmente, apresentamos, nesta introdução, uma breve discussão teórica acerca do objeto. Em seguida, tratamos sobre a vida pessoal e profissional de Ziraldo, além de uma síntese da obra trabalhada. Dando continuidade, discorreremos sobre o conceito de leitura e formação leitora na escola, verificando as definições e a importância da escola durante essa aprendizagem. A seguir, expomos sobre as estratégias de leitura, abordando trechos da obra em consonância com a teoria selecionada para este estudo. Depois, enfatizamos a prática pedagógica da professora Catarina e como isso contribui para a formação do aluno não somente como leitor, mas também como ser humano crítico. Por fim, pontuamos algumas considerações finais acerca do objeto.

## **2 PONTO DE PARTIDA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR E A OBRA**

Ziraldo Alves Pinto <sup>1</sup> nasceu em Caratinga/Minas Gerais, no dia 24 de outubro de 1932, em uma família composta por sete irmãos. Passou sua infância em Caratinga e no Rio de Janeiro, onde estudou. Formou-se em Direito na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1957. Casou-se com Vilma Gontijo, teve três filhos e possui seis netos. Desde muito cedo, já tinha jeito para o desenho, pois desenhava em tudo que é lugar, no chão, na parede, isso mostra o quão bom cartunista ele é. Além disso, a leitura era outra de suas paixões. Sua carreira começou na revista *Era Uma Vez...*, na qual fazia colaborações mensais. Anos mais tarde, começou a trabalhar em outro jornal que publicou seu primeiro desenho em 1939. No período de 1957 a 1963, passou por alguns jornais e revistas, a exemplo de *O Cruzeiro*. Além da escrita, Ziraldo também fez capas de diversos filmes brasileiros, como *Os Fuzis*.

---

<sup>1</sup> Durante a citação de trechos do livro *Uma professora muito maluquinha*, usarei o sobrenome do autor, neste caso, Pinto, para identifica-lo.

Durante a ditadura militar (1964 – 1984), Ziraldo e outros autores fundaram o Jornal Pasquim, considerado como uma resistência ao período turbulento da ditadura. Em 1968, seu talento e genialidade foram reconhecidos internacionalmente, por revistas de renome nos Estados Unidos e França. E seu momento de reconhecimento não parou, pois, no ano seguinte, ganhou diversos prêmios importantes, como o Oscar Internacional de Humor. Em 1969, ele publicou o seu primeiro livro infantil, *Flicts*, que conquistou fãs em todo o mundo. Em 1980, lançou seu livro de maior sucesso, *O menino maluquinho*, que ganhou vários prêmios, como o Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em São Paulo e se tornou série de TV e livro de histórias em quadrinhos. Além disso, foi tema de enredo de escola de samba.

Ziraldo sempre irá fazer parte da vida de todos nós que conhecemos sua obra, pois cria histórias que encantam e nos fazem refletir sobre diversos aspectos. O livro *Uma professora muito maluquina* é um exemplo disso, já que nos faz refletir sobre o ensino de leitura e a relação entre professor e aluno.

A primeira edição do livro *Uma professora muito maluquina* foi publicada em 1995, pela editora Melhoramentos. Ele tem uma história cativante e de fácil entendimento para o público infantojuvenil, por isso é frequentemente escolhido por adolescentes. Conta a história da jovem professora Catarina, também apelidada de Cat<sup>2</sup> pelos seus alunos. Nas primeiras páginas, o autor expõe como os alunos imaginavam a professora que “tinha estrelas no lugar do olhar, voz e jeito de sereia” (Pinto, 2003, p. 9-10), além de algumas informações sobre a cidade em que ela morava: “tinha a pracinha, a matriz e o cemitério no alto do morro; tinha o Padre Velho (que era tio dela) e o Padreco (que foi um menino que o Padre Velho criou); tinha as beatas e as solteironas (que davam notícias da cidade inteira)” (Pinto, 2003, p. 14).

A história é narrada por cinco de seus alunos: Arthos, Porthos, Aramis, Dartagnam e Ana Maria Barcellos Pereira. A reação deles ao ver a nova professora foi espetacular, de modo que “todas as meninas quiseram ser lindas e todos os meninos quiseram crescer na mesma hora pra poder casar com ela” (Pinto, 2003, p. 20).

Ela já chegou em sala de aula inovando na hora de fazer a chamada, “mandou cada um de nós escrever o nome de um outro aluno. O nome por inteiro [...]” (Pinto, 2003, p. 20). Ela já começou incentivando-os a conhecer melhor os colegas, além de estreitar os laços de amizade

---

<sup>2</sup> Cat foi o apelido dado a professora Catarina pelos seus alunos. No decorrer do artigo, será usado tanto o nome quanto o apelido para se referir a professora.

e o companheirismo entre eles. E, no decorrer do livro, podemos observar as diferentes e inspiradoras atividades que ela realizava com seus alunos.

A notícia sobre como Catarina conduzia as aulas se espelhava pela escola e, em um certo dia, os alunos chegaram à escola e não encontraram mais a professora doce e serena em sala de aula.

Uma certa manhã, quando acordamos para ir à aula, sentimos que havia no ar alguma coisa diferente. As nuvens deviam estar mais baixas do que de costume, o tempo parecia ter peso, a manhã tinha ficado uma coisa pegajosa, incomoda, a cidade estava sem sons. Quando caminhávamos para a aula, aí, sim, parecia que nossos pesos tocavam as teclas de um gigantesco piano invisível e iam compondo uma canção de espera [...] Depois encontraram um bilhete deixado pela professora maluquinha, que tinha fugido com seu namorado, deixando os seus alunos (Pinto, 2003, p. 83).

Apesar da tristeza pela partida da professora tão querida, todos compreenderam a sua decisão. Os alunos cresceram, formaram famílias e nunca esqueceram aquela professorinha que marcou a vida deles. Ela teve um papel importante na vida dos alunos, pois não ensinou apenas o prazer pela leitura, mas também valores e amizade, além de que até participava das atividades que aplicava em sala, como quando “[...] ela resolveu dividir a classe em dois times. Nós adoramos! No começo era menina contra menino. Como havia dezessete meninos e dezesseis meninas, ela reforçava o time. Mas, às vezes, o time dela perdia.” (Pinto, 2003, p. 21).

O livro explora muito mais que a prática leitora e à docência, já que expõe a interação entre aluno e professor e enfatiza o quanto esse aspecto é importante na formação do aluno e do próprio docente. As ilustrações presentes no livro o deixam mais interessante e dinâmico, ajudando o leitor a se situar na história. Percebemos que a história apresentada no livro pode contribuir para a formação de professores de modo que possam atuar de forma dinâmica compreendendo e valorizando as diferenças entre os alunos em sala de aula e ensinando os conteúdos de forma prazerosa e eficaz.

### **3 LEITURA E FORMAÇÃO LEITORA NA ESCOLA**

Martins define a leitura como “[...] um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e, ao mesmo tempo, constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos e com o mundo.” (1994, p. 12), ou seja, a leitura muitas vezes não depende só de saber das palavras, mas exige uma leitura de nós mesmos, do mundo em que vivemos, já que todos esses fatores estão interligados.

A leitura tem uma capacidade enorme de nos fazer imaginar, pois quando estamos lendo um livro ou texto, automaticamente começamos a projetar como se dará cada cena, os personagens, os traços e gestos descritos pelo autor, além de ficarmos pensando por determinado momento no que acabamos de ler. Conforme Silva,

Metaforicamente falando, o movimento da leitura, igual aos faróis de um carro, vai abrindo clarões à nossa frente, vai iluminando os trajetos através de uma união sintonizada entre os nossos olhos e as regiões centrais do nosso cérebro. Durante a viagem, ou melhor, a leitura, vamos construindo ideias, imagens e outras configurações das mais variadas, conforme o propósito que dá sustentação ao ato (2003, p. 28).

O prazer e o gosto pela leitura são ações que se adquirem quando criança e, se houver um incentivo, a tendência é formar um bom leitor na fase jovem e adulta. Solé aponta que

[...] existe um hiato considerável entre o que se ensina na escola sobre a leitura e as necessidades que devem ser satisfeitas mediante ela, inclusive na própria escola: ler para aprender. Do meu ponto de vista, os recursos do ensino devem fazer dos alunos bons leitores, que sintam prazer e gosto pela leitura e, se possível, que se apaixonem por ela. Esses leitores aprenderão lendo, enquanto desfrutarem sua tarefa (2014, p. 26).

Com certeza um dos maiores prazeres da leitura é imaginar a história em nossa mente e chegar às nossas próprias conclusões ao final dela, traçando novos rumos e até mesmo novas histórias. Nesse sentido, Silva questiona: “não seria toda leitura, por força do entendimento e do esclarecimento, um renascimento?” (2003, p. 35). Realmente isso acontece quando lemos algo e fazemos uma descoberta que pode mudar o nosso pensamento sobre determinado assunto ou temática. Por isso, é importante trabalhar com diferentes textos e gêneros em sala de aula, permitindo que o aluno faça interpretações que divergem dos seus colegas e incentivem a discussão.

Silva (2003, p. 40) diz que se o professor carrega consigo a ideia de que “leitura é traduzir a escrita em fala”, vai planejar e executar atividades mecânicas e limitadas. O professor

deve inovar em certos momentos, com metodologias que chamem a tenção do aluno, principalmente em um processo tão importante e essencial que é a prática leitora. A professora Cat era mestre em modernizar o aprendizado em sala, a exemplo da dinâmica de colocar frases no quadro-negro que deixavam os alunos ansiosos: “Havia sempre uma frase diferente e um prêmio novo para quem a lesse mais depressa. E a cada dia liamos com mais rapidez, pois descobrimos que ler era uma alegria” (Pinto, 2003, p. 28).

O ato de ler envolve diversos fatores que juntos ocasionam em uma boa leitura. Martins (1994, p. 7) traz que “sem dúvida, o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador da letra. Bastará, porém, decifrar palavras para acontecer a leitura?” O processo de leitura vai muito além de saber apenas decifrar as letras e descobrir palavras, existem fatores externos e internos que contribuem para que isso aconteça, além de uma boa base durante o processo de aprendizagem em casa e na escola, apresentando o sujeito ao universo grandioso que é a leitura.

Martins divide a leitura em alguns níveis principais. A leitura sensorial representa a que percebemos através dos sentidos “a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referenciais mais elementares do ato de ler” (1994, p. 40); a emocional, “lida com os sentimentos, o que necessariamente implicaria falta de objetividade, subjetivismo. No terreno das emoções as coisas ficam ininteligíveis, escapam ao controle do leitor, que se vê envolvido por verdadeiras armadilhas trançadas no seu inconsciente” (1994, p. 48); por fim, temos a racional, que aquela em que o intelecto fala mais alto, permitindo ao leitor absorver os conhecimentos adquiridos durante a leitura. Martins diz que

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social (1994, p. 66).

Corroborando com Martins (1994), Leffa afirma que

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação

de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo (1996, p. 10).

A leitura de mundo é essencial e importante, pois tudo que vamos realizar em nossa vida ou no dia a dia é necessária uma leitura do que nos cerca, como por exemplo, fazer uma leitura das notícias ao nosso redor, dos acontecimentos em nossa cidade, escola, bairro, pois tudo isso interfere na nossa visão de mundo.

#### **4 ESTRATÉGIAS DE LEITURA: DIÁLOGOS COM A OBRA**

A leitura sempre vai se fazer presente em nossas vidas e em tudo que fizermos, pois ela tem o poder de nos fazer ver e compreender muita coisa ao nosso redor. Solé destaca que

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada (2014, p. 25).

A prática leitora presente no livro não diz respeito somente à leitura de livros em sala, mas também outras atividades que estimulassem os alunos a ler. A professora Cat trazia gêneros diversos para sua sala de aula, desde histórias em quadrinhos a radionovelas, além de anúncios, cartazes e revistas. Ela fazia um jogo com eles de caça-palavras, em que a dinâmica era “(...) descobrir onde estava uma determinada palavra num monte de anúncios, cartazes ou capas de revistas que ela trazia de casa e pregava no quadro-negro. Onde está, aqui, por exemplo, a palavra igual?” (Pinto, 2007, p. 24). Um simples jogo fazia com que os alunos se interessassem pela atividade, pois era prazerosa e divertida.

Como aponta Solé (2014), a depender da atividade realizada, a criança não precisa saber ler muito bem ou ser especialista na leitura, muitas vezes basta ter vontade de aprender, isto é, as crianças não precisam ser leitoras especializadas, mas precisam pensar ao longo da leitura. Vemos que a professora maluquinha trabalha muito com a participação dos alunos em sala de aula, fazendo com que todos se sintam pertencentes à sala de aula.

As práticas de ensino de Cat eram tão diferentes do modelo adotado pelas demais professoras que faziam algumas mães questioná-la sobre não mandar dever para casa, e ela explicava que “seus filhos têm mais é que ler e escrever como o Rui Barbosa e fazer as quatro operações como uma maquininha registradora. Depois disso, eles vão aprender tudo num átimo” (Pinto, 2003, p. 66). Nesse trecho, notamos que o livro apresenta a prática leitora como um dos pontos mais importantes, pois, como o próprio Ziraldo diz, ler é mais importante que estudar, já que a leitura abre caminhos para que novos aprendizados aconteçam.

Nas páginas escritas pelo autor fica claro que os alunos aprendem muito mais quando criam laços de afetividade e trocam experiências com o outro. Na turma da professora Catarina os alunos eram aprovados e a figura do docente não representava temor.

Outro ponto que merece destaque é a utilização dos livros didáticos durante as atividades de leitura. A professora Catarina não usava o livro em sala de aula, mas sim outros meios que contribuía ainda mais para o aprendizado dos alunos. A exemplo do dia que ela leu um trecho de uma novela:

E havia muitas razões para estarmos entendendo de amor e paixão. É que, com a proibição dos gibis, começamos a seguir uma novela muito mais emocionante do que O Direito de Nascer de noite, no rádio. A professora estava lendo para nós, cada dia, um capítulo das Desventuras de Sofia, da Condessa de Ségur, seu livro preferido da Coleção Rosa (Pinto, 2007, p. 41).

É importante enfatizar que o livro didático, muitas vezes, constitui o único recurso disponível em sala de aula. Desse modo, os professores ficam tão presos a esse recurso que não procuram novas estratégias e leituras para auxiliar os alunos em sala de aula. Silva diz que

o uso exclusivo e acrítico do livro didático, por exemplo, acaba por gerar uma barreira ao longo do processo de formação dos leitores. Não somente pelos passos cristalizados das lições (leitura, vocabulário, questionário, gramática e redação), mas também pelo desprezo das múltiplas configurações textuais e das múltiplas formas de se ler em sociedade (2003, p. 41-42).

Nesse sentido, identificamos algumas possibilidades propostas pela professora Catarina que dinamizam a aula: trazer recortes de notícias de casa; levar os alunos a outros ambientes (biblioteca, parques, cinemas), evidenciando que há outros espaços de aprendizagem e leitura para além da sala de aula.

Outro acontecimento retratado na obra que merece destaque, foi a proibição da leitura de gibis. Diante disso, a professora mudou a estratégia e criou uma alternativa para que a leitura fosse motivada. Martins (1994, p. 32-33) reforça que “dar sentido a um texto implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens”, ou seja, a leitura ocorre de diferentes formas.

A professora maluquinha gostava de coisas novas para sua turma, de forma que até uma máquina de ler criou para eles. Além disso, ela trazia outros livros com gêneros literários diversos para a sala fazendo com que eles conhecessem outros livros - “é que a gente ficava lendo nossas revistinhas, nossos tico-tecos e gibis – já tinha menino lendo até Tarzan ou O Espirito -, além de outras revistas que ela mesma trazia de casa para nos emprestar.” (Pinto, 2007, p. 34). Sendo assim, Catarina assumia o papel de

mediador responsável pela aquisição da prática da leitura - o professor deverá elaborar estratégias significativas para que ocorra a formação do leitor, de forma consciente pela prática concreta e efetiva do ler, pois somente quem se relaciona com livros, de maneira preciosa, será detentor do poderio de gerar novos bons leitores (Krug, 2015, p. 2).

Se o professor for amante da literatura e da leitura, obviamente fará com que seus alunos também se interessem pelo assunto e gostem de manter o hábito da leitura. Em várias passagens do livro, percebemos que a professora maluquinha trabalhava muito com a participação dos alunos em sala de aula, de modo que todos fossem envolvidos e participassem de forma ativa e direta. Ressaltamos a importância desse cenário de integração, pois faz com que o aluno se sinta pertencente a sala de aula e entenda o seu papel na construção de conhecimento.

## **5 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA**

O incentivo ao desenvolvimento do gosto pela leitura não é uma tarefa simples nos dias atuais. As condições precárias da educação e a falta de recursos interferem na forma como a leitura tem sido trabalhada em sala de aula. Na obra em análise, Catarina busca, apesar dos percalços e impedimentos, levar aos seus alunos o gosto pela leitura de uma forma mais dinâmica, favorecendo o contato com gêneros diversos, afinal

apesar dos pesares, o professor precisa continuar a sua caminhada, precisa inventar um jeito de ser professor dentro de um cenário de muitas adversidades. Precisa batalhar a sua sobrevivência como profissional. Precisa restaurar a sua dignidade. Precisa melhorar a sua situação de trabalho nas escolas (Silva, 2003, p. 15).

Toda aula, Catarina inventava um novo modo para ensinar os seus alunos, já que não utilizava o livro didático e isso fez com que as demais professoras a tratassem como irresponsável, afinal, o contexto retratado no livro é a década de 1940. A professora Cat era revolucionária e sua didática se baseava em realizar atividades mais lúdicas, como jogos e brincadeiras. Segundo Roloff (2010, p. 1), “o lúdico em sala de aula é ingrediente importante para socialização, observação de comportamentos e valores”.

Apesar do professor ter o papel de educar o aluno na escola e em sala de aula, esse papel e responsabilidade não pode cair toda sobre o docente, visto que a escola é um meio a mais para que isso possa acontecer, não se esquecendo da casa do aluno, da família, grupos religiosos, entre outros que também promovem algum tipo de educação. E, parafraseando Silva (2003, p. 39), “que professor não deseja o melhor para os seus alunos? Que busca meios de fazer com que isso aconteça?”

Não podemos nos esquecer de mencionar que a prática pedagógica nem sempre é perfeita, já que, muitas vezes, os professores chegam despreparados à sala de aula, sem saber o conteúdo a ser trabalhado e sem a menor vontade de fazer com que isso aconteça. Silva diz que

Estaria o professor brasileiro educando objetivamente, concretamente os seus alunos para o domínio das diferentes práticas da leitura? Uma resposta é bastante duvidosa e polêmica uma vez que muitas pesquisas e reflexões sobre a leitura escolar apontam para desvios de rota, para necessidades não preenchidas e, principalmente, para um professor que ainda rotiniza, improvisa e /ou copia procedimentos de ensino a partir de manuais de ensino (2003, p. 40).

Percebemos que problemas internos e externos acabam por atrapalhar e permitir que isso acabe acontecendo. O que não podemos é generalizar e falar que tudo de ruim que acontece na escola ou educação é culpa do professor ou da própria escola, pois, muitas vezes, falta investimento do governo em melhorias para educação.

Conforme Krug (2015, p. 2), um bom profissional tem que ter preparo, conhecer textos atuais, além de recursos para construir caminhos para o aprendizado da leitura, criar atividades que ajudem no hábito pela leitura, além de estratégias para que isso aconteça. E isso Cat sabia

fazer como ninguém. Quando estava lendo *As Desventuras de Sofia*, da Condessa de Ségur, pediu para que os seus alunos continuassem a leitura: “Um dia, ela decidiu que cada capítulo tinha que ser lido por um menino ou menina, então, a qualidade da novela caiu muito. Muito mesmo. A gente ainda lia meio mal e valiam vaia, assobios e até tomates e ovos, se houvesse tomates e ovos na sala” (Pinto, 2007, p. 41). Identificamos que essa estratégia favorecia o desenvolvimento da leitura e oralidade, bem como contribuía para que os alunos aprendessem com os erros.

Ser professor é estar a cada dia buscando novos meios e métodos para o ensino em sala de aula, é praticar a didática com amor, apesar dos empecilhos e percalços pelo caminho, ser professor é nunca desistir dessa linda profissão e do maior objetivo que é ensinar e verificar que o aluno aprendeu. Conforme Silva,

Ser professor é ter a capacidade de partilhar a esperança, de dar de si continuamente e renovar-se na pessoa dos alunos. É plantar valores, atitudes, competências na cabeça dos alunos, repetindo sempre as possibilidades de sermos mais felizes. Ser professor é também dizer não ao “é-assim”, ao fatalismo, à subordinação à degradação econômica e moral, ao desemprego, à miséria, ao cinismo dos governantes. Ser professor é pensar no futuro e participar ativamente da construção desse futuro (2003, p. 55).

A professora Catarina, vulgo professora maluquinha, cativou seus alunos a cada aula e isso é muito importante. Cativar o outro e deixar-se cativar cria uma afetividade em sala de aula e favorece a aprendizagem. A professora demonstrou competência e compromisso com a prática pedagógica e contribuiu com a formação de leitores que, como ela, se encantaram pela leitura.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No processo de escrita do artigo, percebemos a importância que a leitura possui em nossa formação como cidadãos em uma sociedade que por vezes acaba falhando no plano de construir uma educação de qualidade, tendo em vista a falta de valorização da classe docente e também do ambiente de ensino.

Desse modo, para esclarecer as considerações finais deste estudo, resgatou-se a pergunta norteadora, que foi mostrar quais os recursos utilizados pela professora Catarina para

o ensino de leitura, enfatizando aspectos da prática pedagógica. Ziraldo nos trouxe, na obra *Uma professora muito maluquinha*, um exemplo de docente que está disposta a fazer mudanças e evoluções dentro da sua sala de aula, começando pelo modo como realizava a sua prática pedagógica. Em plena década de 40, Catarina foge do tradicionalismo e propõe jogos, leituras de gêneros diversos, criação de equipamentos, entre tantos outros exemplos. A professora não só ensinava a leitura, mas também tratava das relações entre os alunos, aproximando-os e fortalecendo a amizade entre eles.

Os autores utilizados durante a construção deste trabalho nos mostraram diferentes formas de se conceber leitura, porém, todos enfatizam o quanto ela é importante e essencial em nossas vidas.

Diante do exposto, ressaltamos que o objetivo proposto no início desta pesquisa foi alcançado, já que conseguimos identificar a prática pedagógica inovadora da professora Catarina para a formação de leitores. A obra de Ziraldo nos convida a repensar a nossa prática e a utilizar ferramentas lúdicas para a aprendizagem dos alunos, portanto, constitui um rico material para a formação de professores.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aline Batista; SOARES, Célia dos Santos; SILVA, Orema da. A prática docente.

In: WELTER, Cristiane Backes; MORAES, Cineri Welter. **Referencial Curricular Municipal de Educação Infantil – RCMEI**. Caxias do Sul, RS : Educs, 2016.

Disponível em: [https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/ferreira\\_soares\\_silva.pdf](https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/ferreira_soares_silva.pdf).

Acesso em: 06 de dezembro de 2021.

KRUG, Flávia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 10, n. 22, p. 1-13, 2015.

LEFFA, Wilson J. **Aspectos da leitura**. 1. ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PINTO, Ziraldo Alves. **Uma professora muito maluquinha**. 17. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.